



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA

A lição de uma avó

Segunda-feira, 14 de Dezembro de 2015

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 51 de 24 de Dezembro de 2015

«Deus perdoa tudo, caso contrário o mundo não existiria»: as palavras que uma idosa disse em 1992 a Jorge Mario Bergoglio são uma verdadeira «lição» no início do ano santo da misericórdia. E admoestam contra a tentação de cair na «rigidez clerical», sugerindo ao contrário que nos enveredemos sem hesitação pelo caminho da esperança e da misericórdia que nos torna «livres». O convite a ter «um olhar penetrante», que sabe ir além para ver e dizer a verdade, foi relançado pelo Papa Francisco.

«Na primeira leitura — realçou imediatamente o Papa — ouvimos um trecho do livro dos Números» (24, 2-7.15-17) sobre a «história de Balaão: era um profeta, mas era também um homem e tinha os seus defeitos, assim como pecados». Porque, frisou Francisco, «todos temos pecados, todos, todos somos pecadores». Mas «não vos assusteis – tranquilizou Francisco — Deus é maior do que os nossos pecados».

«Balaão — explicou — foi «alugado» por um certo Balaque, general e rei, que queria destruir o povo de Deus. E convidou-o a profetizar contra o povo de Deus». Porém, «no caminho Balaão encontra o anjo do Senhor e transforma o seu coração e vê a verdade». Mas «não muda de partido: hoje sou deste partido político e depois passo para o outro, não. Passa do erro para a verdade e diz o que vê».

«É bonito — acrescentou Francisco — que o livro dos Números narre esta história: “Oráculo de Balaão, oráculo do homem de olhar penetrante”». Com efeito, explicou, «quando ele muda o coração, converte-se, tem o olhar penetrante e vê longe, vê a verdade, com o coração aberto, com o coração — com boa vontade sempre se vê a verdade — e diz a verdade».

E «é uma verdade que dá esperança, porque ele está diante do deserto, está precisamente diante do deserto, e vê a tribo de Israel: “Quão formosas tuas tendas, Jacob, tuas moradas, Israel! Elas se estendem como vales, como jardins à beira do rio, como aloés plantados pelo Senhor, como cedros junto das águas”». Portanto, «além do deserto vê a fecundidade, a beleza, a vitória».

Mas «o que aconteceu no coração de Balaão?». O facto, disse Francisco, é que «ele abriu o coração e o Senhor lhe deu a virtude da esperança». E «a esperança é esta virtude cristã que nós temos como um grande dom do Senhor e que nos faz olhar longe, além dos problemas, das dores, das dificuldades, além dos nossos pecados». Faz-nos «ver a beleza de Deus».

Por conseguinte, «esperança» é a palavra-chave. E «quando me encontro com uma pessoa que tem esta virtude da esperança e está a passar por um mau momento da sua vida — quer seja uma doença, quer a preocupação por um filho ou uma filha ou alguém da família, qualquer coisa — mas tem esta virtude, no meio da dor tem o olhar penetrante, tem a liberdade de ver além, sempre além». E precisamente «esta é a esperança, é a profecia que hoje a Igreja nos doa: deseja que sejamos mulheres e homens de esperança, não obstante os problemas». Porque «a esperança abre horizontes, a esperança é livre, não é escrava, encontra sempre o modo para resolver uma situação».

No trecho do Evangelho de Mateus (21, 23-27) proposto pela liturgia, prosseguiu, «vemos, ao contrário, homens que não têm esta liberdade, não têm horizontes, homens fechados nos seus cálculos». A ponto que os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo perguntam ao Senhor: «Com que direito fazes isso? Quem te deu esta autoridade?». À pergunta sucessiva de Jesus, antes de responder «não sabemos», fazem os seus cálculos: «Mas se respondermos isto corremos este perigo, e se dissermos outra coisa...». Contudo, frisou o Papa, «os cálculos humanos fecham o coração, fecham a liberdade». É «a esperança» que «nos torna ligeiros». Eis que «esta hipocrisia dos doutores da lei, que está no Evangelho e que fecha o coração, nos torna escravos: eles eram escravos».

Por sua vez, «Balaão teve a liberdade de dizer àquele que o tinha “alugado”: “eu vejo isto, se não gostares, é um problema teu; mas digo-te o que vejo”». Ao contrário, «eles não têm a liberdade, são escravos da própria rigidez» E «podemos dizer — afirmou Francisco — que ambos, não tecnicamente, estão próximos da Igreja, são homens de Igreja: Balaão, profeta; e aqueles, doutores da lei».

Como é bela a liberdade, a magnanimidade, a esperança de um homem e de uma mulher de Igreja», garantiu o Papa. E «ao contrário, como é feia e quanto faz mal a rigidez de uma mulher e de um homem de Igreja: a rigidez clerical, que não tem esperança».

«Neste ano da misericórdia — disse o Pontífice — há estes dois caminhos». Por um lado, há «quem tem esperança na misericórdia de Deus e sabe que Deus é Pai», que «Deus perdoa sempre e tudo», e que «além do deserto existe o abraço do Pai, o perdão». Mas, por outro, «há também aqueles que se refugiam na sua escravidão, na própria rigidez, e não sabem nada da misericórdia de Deus». Aqueles sobre os quais fala o Evangelho de Mateus «eram doutores, tinham estudado, mas a sua ciência não os salvou».

«Gostaria de terminar — narrou na conclusão — com uma anedota que aconteceu comigo, no ano de 1992. Chegara à diocese a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Durante uma solene missa para os doentes — mas grande, num campo enorme, com muita gente — eu fui ali confessar. E ouvi confissões a partir de quase meio-dia até às seis, quando terminou a missa. Havia muitos confessores».

Precisamente «no momento em que me levantava para ir celebrar uma crisma noutra lugar — recordou — aproximou-se uma idosa, de oitenta anos, com os olhos que viam além, com olhos cheios de esperança». E eu disse-lhe: «Avó, a senhora vem para se confessar? Mas não tem pecados!»». À resposta da senhora — «Padre, todos temos!» — Bergoglio retorquiu: «Mas talvez o Senhor não os perdoe?». E a senhora, forte na sua esperança: «Deus perdoa tudo, porque se Deus não perdoasse tudo, o mundo não existiria!».

E assim «diante destas duas pessoas» — o «livre» com a sua «esperança, aquele que te traz a misericórdia de Deus; e «o fechado, o legalista, precisamente o egoísta, o escravo da própria rigidez» — Francisco sugeriu que façamos nossa «a lição que esta idosa de oitenta anos — era portuguesa — me deu: Deus perdoa tudo, espera só que te aproximes».